

Um Caso de Organização Limite da Personalidade: Um Estudo Comparativo da Projecção no Rorschach e no TAT (*)

ISABEL BERNARDO FERNANDES (**)

O verdadeiro objectivo desta minha comunicação é dizer-vos que continua em curso a investigação que, em 1990, anunciei em Paris e que agora retomo: um estudo comparativo entre o Rorschach e o TAT, procurando estabelecer analogias e diferenças, compreender o fundamento e esclarecer a complementaridade destas duas provas. Para tornar este estudo possível construí uma grelha de análise baseada, sobretudo, nos trabalhos de Nina Rausch de Traubenberg, na folha de análise do TAT de V. Shentoub (revista pelo grupo de Técnicas Projectivas do Instituto de Psicologia de Paris) e nas publicações de Catherine Chabert.

Vou apresentar um estudo comparativo dos protocolos do Rorschach e do TAT de um caso de organização limite da personalidade, de diagnóstico inequívoco.

Trata-se de uma rapariguinha de dezanove, quase vinte anos, hospitalizada num serviço de psiquiatria e em acompanhamento psiquiátrico

desde os 14 anos de idade, devido a problemas comportamentais de que se destacam várias fugas de casa. Vamos analisar os dois protocolos percorrendo, exclusivamente, os mecanismos de defesa característicos.

Começemos pela *clivagem*, mecanismo fundamental das organizações limite, gerador de todas as características que lhe são próprias e que pode ser definido, como por Kernberg, como uma operação defensiva caracterizada, particularmente, pela manutenção activa do estado de separação de introjecções de valores opostos.

No Rorschach este mecanismo tem uma tradução directa excepcional. A concepção maniqueísta do mundo, as representações contrastadas de perceptos muito positivos ou muito negativos, os afectos opostos estão aqui evidenciados exemplarmente. Vejamos: *Cartão VI* – «Um animalzinho que está sob as ordens de um animalzão.» *Inquérito*: «A depredação em geral. Ou a raposa com o coelho, ou qualquer coisa (...); *Cartão VIII* – «Para mim é o mais bonito até agora, pelas cores. Lembra-me dois animais, são dois animais tal e qual. E depois são animais extraterrestres que estão a tentar empurrar estes dois animaizinhos. Mas é o mais bonito»; *Cartão IX* – «Flores dissecadas. Flores espalmadas. Flo-

(*) Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional do Rorschach e Métodos Projectivos, Lisboa, Julho 1993.

(**) Assistente Convidada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

res recortadas. Muito bonitas. Mas que estão aqui por estar. Porque as cores são lindas.»

Indirectamente está também significada no grande número de respostas globais, vagas, em que os conteúdos aparecem mais como uma ideia geral e nunca com rigor formal (de acordo com a dificuldade de integração e síntese traduzida por este mecanismo).

No TAT, curiosamente, não há uma única narrativa em que o mecanismo seja evidenciado directamente. Ele está representado, sim, pelo contraste temático que acontece entre cartões apresentados em sequência. *Cartão 10* – «Dois seres que se amam profundamente. Que se amam apaixonada e profundamente. Carinhosamente, também. Ternamente, também (etc.). Que se amam!»; *Cartão 13 MF* – «Um homem que acaba de se levantar e que acaba de matar a mulher (...)».

A *idealização*, suporte indispensável da clivagem para permitir dotar os objectos de características totalmente boas e preservá-las de qualquer contaminação, dá-se a ver no Rorschach a partir da atribuição de uma adjectivação positiva e de qualificativos que emprestam características específicas ao objecto e permitem torná-lo e mantê-lo segundo o desejo do sujeito. *Cartão I* - «E um bicho *bom* para a humanidade. Só isso.» (Em G). E ainda no cartão I - «Uma avozinha no meio da mancha. Extraterrestre.». *Inquérito*: «É gordinha e depois é extraterrestre.» (Porquê?) «É a cabecinha dela, as duas cabecinhas.» (Avozinha?) «Porque é uma avozinha, pronto.» Defende assim o percepto de dois modos distintos: torna-o *avózinha*, logo inofensivo, terno, bom e não deixa que o defeito formal afecte a interpretação – torna-o extraterrestre.

No TAT este mecanismo aparece claramente na construção da narrativa referente aos dois seres que se amam profundamente (*Cartão 10*) e também no encadear pontual de adjectivação positiva (*Cartão 2* – a rapariga questiona-se porque é que estará a estudar «se no campo as coisas são tão simples, tão boas, tão óptimas, tão bonitas») e no final «feliz» que proporciona a uma ou outra situação.

No entanto, quer no Rorschach, quer no TAT, a idealização mostra-se pouco eficaz, revelando, à transparência, a desvalorização que mal encobre. No Rorschach, no inquérito, revela o *arbitrio consciente* da adjectivação positiva (é avo-

zinha, porque é, *pronto*); no TAT, a ironia, quase o cinismo, nalguns momentos, revelam vivências negativas que, de facto, deviam ter sido substituídas, evitadas.

Temos, pois, um paralelismo na tradução deste mecanismo.

A *identificação projectiva*, um dos mecanismos tipo deste funcionamento (que, como sabemos, tem como objectivo a expulsão de imagens de si e do objecto totalmente más e agressivas, desenvolvendo objectos perigosos dos quais o sujeito tem que se defender e que, portanto, pode atacar), curiosamente, diria, não tem uma expressão franca nem numa, nem noutra prova. Menos ainda no TAT do que no Rorschach (onde, p. ex., na resposta citada «um animalzinho sob as ordens de um animalzão», quer o aumentativo *ão*, quer, no inquérito, a percepção de *tenazes* justificativas são exemplo deste mecanismo).

Esta quase ausência não pode deixar de estar ligada à qualidade da representação de si e da representação do relacional no Rorschach e à temática presente em ambas as provas.

De facto no Rorschach, onde grande parte dos animais percebidos, e mesmo objectos, estão espalmados ou dissecados, há a tradução da grande fragilidade, insuficiência, impotência, provenientes de uma *agressão sofrida* (p. ex., *Cartão V* - «Uma gazela espalmada»). No TAT esta fragilidade, esta incapacidade aparece também sob a forma de dúvida, de questionamento, num processo narcísico de identificação à personagem (*Cartão I*: «será que eu agora vou ser violinista, será que..., será que eu vou estudar violino, será que não vou?...»; *Cartão 6 GF* «a filha fica na dúvida: será que o meu pai tem razão, será que vai ser o meu coração que vai falar ou a minha cabeça? O meu pai ou o meu coração, quem vai falar?» (e assim sucessivamente numa *incapacidade* de afirmação).

Em ambas as provas, também, surge a tradução de dependência (dependência oral), mais claramente no TAT, pela presença de figuras com papel protector, mesmo de fornecedor de alimento (*nourricier*).

Este conjunto significa uma grande fragilidade, impossibilidade de afirmação, *pedido* actual que, penso, poderá minorar a tradução do mecanismo de identificação projectiva.

A *recusa* (denial, deni) (que é o mecanismo

que possibilita a independência e a não contaminação das duas representações opostas da consciência ao nível do afecto) tem expressão muito clara no Rorschach na ausência de nomeação dos vermelhos, quer no Cartão II (onde se refugia em respostas globais, vagas), quer no III, onde utiliza o vermelho como localização mas não como determinante. No TAT há a escotomização das figuras de segundo plano do Cartão 2, a narrativa centra-se exclusivamente sobre a figura feminina do primeiro plano. Em ambos os casos há a negação ou evitamento de movimentos pulsionais, na representação de um *relacional perturbador*.

A *omnipotência e a desvalorização* são sentimentos directamente derivados da clivagem e da idealização (que traduzem a oscilação entre a necessidade de estabelecer uma relação de dependência e de pedido com um objecto idealizado e a presença de «fantasmas» e comportamentos significativos de um sentimento de omnipotência).

A desvalorização é, talvez, mais evidente e coincide com as manifestações de fragilidade e de impotência já apontadas. O sentimento de omnipotência está também presente.

No Rorschach, de uma forma curiosa no Cartão II, em que responde: «Desenhos que eu às vezes faço e que gosto assim. E, na volta, têm sentido psicológico» (movimento de idealização que a permite pôr-se ao nível de H. Rorschach) e no tom *volitivo* da justificação que, no inquérito, dá para as suas respostas e que, significativamente, considerámos também como tradutoras da fragilidade do mecanismo de idealização (p. ex., *Cartão IV* – «Um grande animal, mas *bom* no fundo.» *Inquérito*: (Bom, sabe porquê?) «Não, mas *quero* que ele seja bom»; *Cartão I* - (Avozinha?) «Porque é uma avozinha, *pronto*.»)

No TAT, a partir quase exclusivamente da manifestação de processos da série C (da folha de análise de V. Shentoub, do Institut de Psychologie de Paris), que se referem à chamada *conduta agida*: Abre a boca, várias vezes, chamando a atenção para a sonolência de que se queixava, mas também para o tédio da situação de exame psicológico; critica essa situação - «Estou a ficar sem paciência» ou «... eu não tenho paciência para lhe contar histórias sobre histórias»; ironiza a despropósito das instruções dando, no *Cartão 16*, o cartão branco, uma resposta em quadra, versejando. Estes são, com certeza, comporta-

mentos tradutores da facilidade de passagem a acto, tão clara na sua história pessoal, mas também afirmativos de *poder*: de *poder* fazer, de *poder* dizer tudo o que quer, *porque* quer.

Voltemos à *clivagem*. Recordemo-nos da explicação etiológica partilhada por alguns autores, entre os quais Kernberg: a ligação entre o bom e o mau objecto, a boa e má representação de si não se pode produzir, em parte, por causa da intensidade excessiva da carga agressiva produzida pelas más partes de si ou do objecto; há o risco destas partes *más* contaminarem, destruir, anularem, a boa imagem de si e do objecto. Esta agressividade é quer de origem constitucional, quer secundária a experiências precoces de frustração muito importantes, provenientes, naturalmente, dos objectos primeiros ou figuras parentais.

Relembremo-nos da evidência da clivagem no Rorschach. No TAT, no *Cartão 2* onde (segundo a folha de conteúdos do TAT do grupo de Técnicas Projectivas do Institut de Psychologie de Paris) o conteúdo latente reenvia para a representação do triângulo edipiano e onde o conflito deve recair sobre a posição do jovem adulto face ao casal, surge a escotomização das duas personagens de segundo plano, construindo-se a narrativa exclusivamente sobre a jovem, numa contração narcísica. No *Cartão 5*, que reenvia para uma imagem feminina materna, há um pôr em quadro a situação narrada, um afastamento espaço-temporal, com utilização exclusiva dos processos característicos do evitamento da expressão do conflito. No *Cartão 7GF*, cujo conteúdo latente reenvia para uma relação de tipo mãe-filha, se bem que num contexto de reticência por parte desta, há ausência de comunicação, de relação, há uma filha que, enquanto a mãe lhe mostra um livro, pensa (deseja) um irmão que está longe ou um pai que já não vive. No *Cartão 9GF*, que reenvia para uma situação de rivalidade feminina, são percebidas mãe e filha. Filha que corre por uma preocupação maior, mãe que não se apercebe disso. Há uma impossibilidade de se confrontar com a imagem materna e de estabelecer uma relação edipiana.

Diria que o TAT aqui, nos indica o caminho para a explicação do mecanismo fundamental percebido no Rorschach, e que ambos, no seu conjunto, nos permitem ter acesso ao funciona-

mento psicológico e ao próprio fenómeno psicológico, não só ao nível da compreensão mas também da explicação.

Gostava de ter chamado a atenção para a sua complementaridade e, tal como o fiz na comunicação de Paris e também de acordo com Catherine Chabert, para o facto de que, mesmo quando a sua informação converge eles continuam complementares, na medida em que nos mostram como uma mesma característica se repercute diferentemente nas diferentes protagonizações do sujeito.

BIBLIOGRAFIA

- Brelet, F. (1986). *Le TAT – Fantasma et situation projective*. Paris: Dunod.
- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en clinique adulte; interprétation psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Chabert, C. (1987). *La psychopathologie à l'épreuve du Rorschach*. Paris: Dunod.
- Chabert, C. (1990). Les épreuves projectives. Confrontations théoriques et cliniques, *Rorschachiana, XVII*, Hans Huber (Bern) ECPA (Paris): 9-15.
- Fernandes, I.B. (1985). O Teste de Apercepção Temática (TAT): teoria e método de V. Shentoub. Apresentação de seis narrativas. *Revista Portuguesa de Psicologia, 22*: 111-131.
- Fernandes, I.B. (1989). O funcionamento narcísico e as organizações limite da personalidade no Rorschach. In *Caderno do Seminário Rorschach e Mecanismos de Defesa*, pp. 50-103, Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia. Secção de Avaliação da Personalidade.
- Fernandes, I.B. (1991). Estudo comparativo da projecção no Rorschach e no TAT com um grupo de sujeitos esquizofrénicos. *Revista Portuguesa de Psicologia, 27*: 39-45.
- Kernberg, O. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism*. New York: Jason Aranson. (tradução francesa: *Les troubles limites de la personnalité*, 1979, Paris: Privat; *La personnalité narcissique*, 1980, Paris: Privat).
- Laplanche, J. & Pontalis J.B. (1971). *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: PUF.
- Rausch de Traubenberg, N. (1970/90). *La pratique du Rorschach*. Paris: PUF, 6.^a ed.
- Rausch de Traubenberg, N. & Sanglade, A. (1984). Représentation de soi et relation d'objet au Rorschach: grille de représentation de soi. *Revue de Psychologie Appliquée, 34*(1): 41-57.
- Rausch de Traubenberg, N. et al. (1988). Etude psychologique des adolescents vietnamiens; apport du Rorschach. *Enfance, 41*(1): 95-104.
- Rausch de Traubenberg, N. et al. (1990). Modalités d'analyse de la dynamique affective au Rorschach; grille d'analyse de la dynamique affective. *Revue de Psychologie Appliquée, 34*(1): 41-57.
- Shentoub, V. et al. (1990). *Manuel d'utilisation du TAT (Approche psychanalytique)*. Paris: Dunod.

RESUMO

Apresenta-se um estudo comparativo dos protocolos do Rorschach e do TAT de uma jovem de quase 20 anos, diagnosticada como organização limite da personalidade, procurando mostrar como ambos se elucidam e completam num esclarecimento relativo aos «como» e «porquê» psicológicos. O estudo deste caso está integrado numa investigação em curso sobre a comparação entre o Rorschach e o TAT.

ABSTRACT

We present a comparative study between the protocols of the Rorschach and the TAT of a nineteen years old young lady, diagnosed as a borderline personality. This study tries to demonstrate that these two methods elucidate and complete each other and also how they clarify the «how» and the «why» of the psychological functioning. The study of this case is integrated in a research in progress about the comparison between the Rorschach and the TAT.

RESUME

Il s'agit ici de la presentation d'une étude comparative des protocoles du Rorschach et du TAT d'une jeune fille agée de presque 20 ans, dont le diagnostic est celui d'organisation limite de la personnalité, pour essayer de démontrer comment ils s'élucident et se complètent mutuellement par un éclaircissement et par une complémentarité des «comment» et des «pourquoi» psychologiques. Le cas présente s'intègre dans une recherche en cours sur la comparaison entre le Rorschach et le TAT.